

## **FACES DO CLIMA NA SALA DE AULA: A RELAÇÃO ENTRE PROFESSORA E ALUNO NA PROMOÇÃO DO DESEMPENHO ESCOLAR.**

Maria Simplício Nascimento.  
(Prefeitura Municipal de São Paulo- PMSP, [liasimplicio@bol.com.br](mailto:liasimplicio@bol.com.br))

### **Resumo:**

Atribuir o sucesso ou fracasso do aluno na escola a variáveis como inteligência, bom ou mau comportamento do aluno, contexto familiar ou situação econômica pode gerar um estado de comodismo na comunidade escolar. Quando focamos o olhar apenas na criança nossos esforços para criar ações eficientes tornam-se mais limitados. Algumas práticas pedagógicas, bem como as relações entre professor e aluno são responsáveis por extinguir ou manter comportamentos capazes de interferir de forma significativa na aprendizagem dos alunos. Nesse trabalho foram analisadas as relações entre a professora e um aluno, por meio do diário de campo que narra as situações vivenciadas em uma sala de aula de educação infantil. A pesquisa realizada permite concluir que a boa relação entre professor e aluno pode ser um importante elemento motivador de seu desempenho. Cabe, portanto ao professor propiciar ao aluno um ambiente agradável em sala de aula de modo que as relações ali estabelecidas sejam mais um elemento de motivação à sua participação e aprendizagem. Espera-se que este trabalho desperte em outros professores, profissionais da educação e pesquisadores o interesse por estudar esse tema e que gere reflexões que venham a contribuir para a mudança de práticas pedagógicas responsáveis pelo fracasso escolar, em medidas criativas que tenham como resultado o sucesso escolar por meios de atividades prazerosas e relações que propiciem ao aluno o prazer de estar na escola e as condições adequadas à sua aprendizagem e desempenho escolar.

**Palavra-chave:** desempenho escolar; práticas pedagógicas; relação professora aluno.

### **1. Introdução**

O presente trabalho busca refletir sobre a importância da afetividade para a educação, tendo como foco a relação professor aluno, elemento capaz de contribuir grandemente com a aprendizagem dos alunos garantindo sua presença na escola e interesse pelos estudos.

De acordo com a Constituição Federal, que em seu artigo 205 estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da

sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) toda criança tem direito à educação. A família é o primeiro grupo social da criança, onde ela adquire formas de se comportar, interagir, aprender, e no qual a criança busca suas primeiras referências de formação pessoal. É também na família, muitas vezes onde a criança começa a ter um conceito negativo sobre sua pessoa, conceito esse muitas vezes reforçado pela escola.

O fracasso escolar não acontece de um instante para o outro, diante de uma ou outra situação, mas pode ocorrer lentamente, enquanto o ambiente social, a família e a escola vão minimizando ou reforçando esse processo. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) em seus artigos 4º e 55 determinam:

Art. 4º: É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação de direitos referentes à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária.

Art. 55: Os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

A efetivação dos direitos fundamentais ao exercício da cidadania previsto nessa lei, sendo um deles o direito à educação fica aqui bem explícito como sendo de responsabilidade de várias pessoas e não apenas da família, no entanto é comum que alguns professores tentem justificar o fracasso da criança pela falta de participação dos pais em reuniões escolares ou pela falta de alimentação e cuidados adequados recebidos pela família.

A escola culpa a família pela falta de acompanhamento na vida escolar do filho, por não participar dos acontecimentos, como reuniões e demais eventos, e por não comparecerem ao serem acionados. Muitas pesquisas realizadas nas escolas, cujo objetivo era verificar as causas e do fracasso escolar a partir da fala dos professores mostram que há entre eles um pensamento quase generalizado de que os culpados são os próprios alunos ou suas famílias.

Muitas vezes a razão da pouca participação da família na escola se dá por conta do pouco tempo de que eles dispõem para participarem, considerando que essas reuniões acontecem nos dias e horários em que eles estão trabalhando.

Também há que se pensar em que tipo de tratamento e acolhimento essas famílias recebem nas escolas, se são muitas vezes mal compreendidas e até discriminadas, sendo questionadas e julgadas pelos resultados apresentados pelos alunos, sentindo na pele o preconceito que já vivenciam em outros segmentos da sociedade, preferindo assim se afastar do ambiente escolar, engrossando assim o famoso cordão dos excluídos escolar e socialmente.

As exposições desses pensamentos provocam, entretanto que horizontes são possíveis de serem vislumbrados. Para Miguel Arroyo (2000 p. 35):

A retomada de uma concepção mais humanista de educação básica orientada para o pleno desenvolvimento humano do educando e para o acompanhamento pedagógico de sua temporalidade aponta horizontes promissores para o equacionamento radical do fracasso escolar, para a superação da cultura da exclusão e da lógica e estrutura seletiva de nosso sistema escolar.

De forma geral o quadro contextual onde ocorre a produção do fracasso e da exclusão escolar traz a compreensão de que, com a possibilidade de diagnosticar e identificar situações de desafeto entre professores e alunos pode-se propor aos educadores e demais profissionais da educação uma reflexão sobre o tema com vistas a sua superação buscando trazer à tona uma escola mais humana e menos excludente.

Tanto no meio acadêmico, quanto no senso comum, é sabido que os insucessos vivenciados por muitas crianças nos primeiros anos da educação básica interferem de forma direta e, em muitos casos, de forma pouco reversível, na construção da autoestima e da valorização de si como ser social.

O objetivo desse trabalho é demonstrar a partir da análise de uma situação escolar, como as interações estabelecidas entre a professora e um aluno (que era objeto de queixas das demais professoras, por sua indisciplina, agressividade e dificuldade de aprendizagem) poderiam ser controladoras do comportamento da criança.

Considerando que em geral usamos o termo fracasso para expressar o estado ou condição de não atingir um objetivo desejado ou pretendido o termo fracasso escolar soa como reta final de um objetivo não alcançado. Em tudo o que realizamos passamos por momentos de “picos” e de “quedas”, porém não temos possibilidade de atingir nossos objetivos se desistimos ao surgirem os primeiros obstáculos, mas é difícil persistir quando não temos total conhecimento de nosso potencial, e as pessoas que julgamos ter esse conhecimento nos classificam como fracacos ou “fracassados”. Para Patto (1992 p 110)

No Brasil, as raízes dessas concepções sobre os "vencedores" e os "perdedores" encontram-se nos escritos de intelectuais brasileiros que, a partir da segunda metade do século dezanove, se propuseram a explicar o país com base nas idéias dominantes no pensamento científico e político europeu.

Em nosso cotidiano, podemos perceber que o incentivo à criança é fundamental para a aprendizagem. É preciso acreditar que a criança é capaz e lhe ajudar a reconhecer seu potencial. Os pais por vezes depositam nos filhos a total responsabilidade por seu insucesso, sendo essa

atitude reforçada pelos professores por meio de frases negativas direcionadas aos alunos que levam a criança a duvidar de suas condições de aprender.

Os professores, apesar de terem fundamental importância no caminho trilhado pelo aluno, que poderá conduzi-lo ao sucesso ou fracasso (embora a maioria talvez nem saiba disso) não são os únicos responsáveis nem pelo fracasso escolar do aluno conforme Patto: (1992, p.114)

Não se pode também responsabilizar os professores pelas mazelas da escola pública fundamental, uma vez que eles não passam de produtos de uma formação insuficiente, porta-vozes da visão de mundo da classe hegemônica e vítimas de uma política educacional burocrática, tecnicista e desconhecadora dos problemas que diz querer resolver.

A abordagem do tema provoca uma reflexão a respeito dos atores sociais envolvidos na questão e permite de certa forma, afirmar que a ocorrência do fracasso escolar é um atributo de todo um sistema que tem no aluno sua visibilidade. Afirmar que o aluno fracassou é afirmar também que o sistema escolar não deu conta de atingir suas próprias metas e objetivos. Corroborando essa idéia Mirian Abramovay (2003, p.463) afirma que:

Quando os processos de ensino-aprendizagem não se mostram satisfatórios, a escola deixa de ser o ambiente mais adequado para a aprendizagem. Esses obstáculos se materializam em um mau desempenho dos alunos, que podem ter como consequência a reprovação, a repetência e, em casos extremos, o abandono da escola, gerando assim o fracasso

### **Procedimentos metodológicos**

Foi feito um diário de campo utilizado pela pesquisadora para registro de situações vivenciadas em sala de aula em uma escola municipal de educação infantil, com crianças na faixa etária entre quatro e cinco anos. Desse diário, foram focadas as relações entre a professora e dois alunos que vinham com queixas de professores anteriores Jonathan e Daniel.

Dentre eles, foi escolhido o aluno Jonathan para análise nesta pesquisa por haver maior riqueza de dados passíveis de análise.

- Analisar situações em que o comportamento inadequado do aluno era reforçado pela professora.
- Analisar situações em que comportamentos adequados às atividades de sala de aula foram produzidos pela intervenção da professora.

Realizou-se uma narrativa sobre as relações entre a professora e Jonathan, a partir da qual foram organizados os dados para análise.

Organização de dados: foram escolhidas algumas situações para análise funcional, foram montados quadros com: antecedentes, comportamento de Jonathan e consequências. A partir disso,

analisaram-se as contingências sobre o comportamento de Jonathan, demonstrando como o comportamento da professora controlava o comportamento de Jonathan.

Tendo sido exposta a narrativa do caso do aluno Jonathan, se apresentam na forma de quadros alguns dados que serão a seguir analisados.

### Quadros e análises

ANTECEDENTE	COMPORTAMENTO DE JONATHAN	CONSEQUÊNCIA
Entrada dos alunos. Crianças formam fila no pátio. Crianças cantam.	Passa pelo meio das filas. Esbarra nas crianças com o corpo e a mochila que traz nas costas. Vira-se para trás. Conversa com colega.	Bronca da professora.
Bronca da professora.	Volta para fila por pouco tempo.	Bronca da professora.
Bronca da professora.	Jonathan passa pelas filas. Esbarra nas crianças. Vira-se. Conversa.	Bronca da professora.
Pode-se perceber que a “bronca” da professora como consequência aos comportamentos inadequados de Jonathan (passar, esbarrar...) não tem a função de diminuir sua frequência; ao contrário, a ocorrência dos comportamentos persiste. É possível, portanto, afirmar que a bronca da Professora reforça positivamente os referidos comportamentos. Ainda, pode-se dizer que a atenção da professora, mesmo que na forma de bronca, é reforçadora para Jonathan.		

ANTECEDENTE	COMPORTAMENTO DE JONATHAN	CONSEQUÊNCIA
Atividade em sala de aula.	Bate no colega.	Professora se aproxima.
Aproximação da professora.	Esconde-se embaixo da mesa.	Professora se aproxima.
Aproximação da professora.	Corre.	Bronca da professora.
Bronca da professora.	Corre.	Bronca da professora.
Nesse caso, mais uma vez vê-se que a aproximação ou a bronca da professora (em ambos os casos, atenção dada a Jonathan) mantém os comportamentos inadequados. Isso reafirma que a atenção da professora tem efeito reforçador para os comportamentos inadequados de Jonathan.		

ANTECEDENTE	COMPORTAMENTO DE JONATHAN	CONSEQUÊNCIA
Proposta de atividade pela Professora.	Inicia a tarefa.	Elogio da professora.
Elogio da professora.	Faz atividades por um tempo maior.	Elogio da professora.
Elogio da professora.	Após cerca de duas semanas, inicia e conclui atividades propostas.	Elogio da professora.
Essa situação demonstra de maneira clara como o comportamento da professora, como contingência ao comportamento do aluno, é determinante para que se garanta a aprendizagem.		



A indisciplina, nome comumente dado ao conjunto de comportamentos incompatíveis com as atividades acadêmicas, precisa ser analisada pelas contingências, isto é, o professor deveria ter clareza sobre como seu comportamento, controla o comportamento do aluno.

Por outro lado, os comportamentos inadequados devem ser substituídos por comportamentos adequados às atividades de sala de aula. É o professor quem deve criar condições para que esses comportamentos ocorram, sejam reforçados, aumentando o repertório do aluno.

Em outras palavras, promover aprendizagem.

A indisciplina, nome comumente dado ao conjunto de comportamentos incompatíveis com as atividades acadêmicas, precisa ser analisada pelas contingências, isto é, o professor deveria ter clareza sobre como seu comportamento controla o comportamento do aluno.

Por outro lado, os comportamentos inadequados devem ser substituídos por comportamentos adequados às atividades de sala de aula. É o professor quem deve criar condições para que esses comportamentos ocorram, sejam reforçados, aumentando o repertório do aluno. Em outras palavras, promover aprendizagem.

A comunicação verbal entre os alunos, por exemplo, é uma necessidade, mesmo durante a realização das atividades.

Alunos mais tímidos encontram dificuldades em falar para todo o grupo ou de fazer perguntas ao professor, mas com alguma facilidade interagem com o colega que estiver mais próximo ou com aquele com quem tem mais afinidade. Essa comunicação é muitas vezes mal compreendida pelo professor, que além de reclamar com o aluno ainda o afasta do colega trocando-o de lugar, rompendo uma situação que poderia produzir aprendizagem.

Um agravante maior do que os incessantes e repetidos pedidos de silêncio, (às vezes realizado aos gritos pelos professores) são os “silêncios” impostos em torno de algumas temáticas ou situações das quais os profissionais da educação encontram dificuldades de entrar em contato e tentam, por meio do silêncio, anular tal assunto ou fato ocorrido dentro da escola ou fora dela, mas trazidos pelos alunos em situações diversas. Sexualidade é exemplo de temática silenciada no ambiente escolar, embora haja evidências de que o aluno quer se expressar a respeito.

A escola parece querer moldar na criança um padrão de aluno, de cidadão, de pessoa, sendo que o que foge a esse modelo deve ser eliminado e descartado a tempo, começando pela educação infantil. De que forma se pode propiciar o desenvolvimento da autonomia nas crianças pequenas, se são os adultos que decidem o que deve ser realizado por elas, de que forma, e em que momento.

O mesmo se aplica aos movimentos corporais, locomoção e fala que se restringem à permissão e orientação do adulto, principalmente diante de perguntas que o professor considera embaraçosa para a qual a resposta costuma ser “Não é sobre isso que estamos falando”, ou “Agora

não é momento para perguntas” ou, ainda pior, ignora a pergunta, intercalando com um pedido de silêncio.

O mais triste é que isso cria um “modelo” ou padrão de aluno, em quem não cabem características como autonomia verdadeira, criatividade e liberdade de expressão. Os mais ousados, que tentam fugir a esse controle são vistos e rotulados como indisciplinados, rebeldes e às vezes “hiperativos”. O fato de não tratar de certos assuntos não garante que as ações relacionadas a eles serão também extintas pelo aluno, mas ao contrário, podem ser fortalecidas, já que não foram expressas, problematizadas e trabalhadas numa proposta de acolhimento e respeito.

Alguns adultos entendem que criança boa é aquela que sabe ficar quietinha calada e obediente, e lhe ensinam isso desde muito pequenas; desse modo esperam que a mesma não deixe dúvidas de que dará continuidade fielmente à ordem social imposta e estabelecida pelos que a antecederam, ressaltando que algumas coisas não devem jamais ser ditas, nem mesmo demonstradas por meio do choro ou outras formas de expressão.

Muitas vezes o próprio professor esquece-se de que também ele é parte do processo. Palavras e ações suas são também responsáveis pelo alcance ou não dos objetivos da escola e do sistema escolar. É de fundamental importância nesse contexto se repensar questões relativas à formação docente, considerando o que afirma Cristofoleti (2010, p. 49):

O ingresso massivo de professores sem formação apropriada e a diminuição acentuada das condições salariais dos educadores, multiplicando jornadas de trabalho, produziram uma queda violenta da qualidade de ensino no momento em que as camadas populares chegavam de fato à escola.

É evidente também que é preciso ter clara a ideia de que o processo de ensino-aprendizagem não se inicia apenas na escola e que o bom desempenho da criança não depende apenas do professor porém não se pode negar que as interpretações realizadas pelo professor, seu olhar sobre a criança podem nortear suas ações e comportamentos referentes a ela. Quando esse olhar se encontra carregado de pré-julgamentos que de longo tempo estão impregnados na sociedade e, por conseguinte, no interior de muitos profissionais da educação, certamente haverá influência negativa a interferir nessa relação. Nos casos acima expostos, o fato da EMEI situar-se na periferia de uma grande cidade, esses pré-julgamentos tendem ainda a ser mais evidentes conforme o pensamento de Cristofoleti, (2010, p. 52) para quem:

A desestruturação e desorganização do sistema escolar, a confusão acerca do papel do professor na sala de aula e a convicção de que a criança carente é menos capaz, associadas aos princípios da educação compensatória, estão nas bases das baixas expectativas dos professores em relação às escolas de periferia, onde se concentravam (e ainda se concentram) os setores mais pobres da população.

Assim como nos relatos expostos, se o professor tem em si a descrença na capacidade que algum aluno dispõe para aprender, dificilmente ele dispenderá grandes esforços na tarefa de ensiná-lo, de ouvi-lo, de buscar decifrá-lo, sobretudo se este aluno se encontra em um conjunto de muitos outros que não apresentam dificuldades de acompanhar e desenvolver as tarefas propostas no cotidiano escolar. Essa visão é compartilhada por Cristofoleti (2010, p.56) que, em sua pesquisa, descreve “indícios [...] de descrédito e desânimo de alguns profissionais - Se eu planejar a minha aula ou não, eu sei que tem sempre aqueles que não vão aprender”.

A afirmativa acima é recorrente em muitas unidades escolares do Brasil e mais ainda nos bairros periféricos dos grandes centros urbanos. Romper com essa forma de pensar e agir é um desafio que está posto à sociedade no que se refere à formação e à prática docente para que de fato a escola possa ser uma instituição democrática e inclusiva.

Um salto de qualidade na prática do professor poderá ser dado quanto mais este focar sua atenção nas potencialidades do aluno, no que ele pode oferecer e não nas suas dificuldades ou no que lhe falta para “atingir a média dos demais alunos da sala”. Os relatos acima demonstram que, mesmo de forma bastante tímida, um olhar mais atencioso às crianças citados puderam produzir situações de superação e de equilíbrio no processo de ensino-aprendizagem desses alunos.

### **Algumas considerações**

Observar e avaliar o aluno numa perspectiva em que o trabalho pedagógico se encaixe nas necessidades que este traz, demanda elaboração de planos de trabalho assentados em teorias que superem a visão do aluno como sujeito de seu próprio insucesso.

A indisciplina, nome comumente dado ao conjunto de comportamentos incompatíveis com as atividades acadêmicas, precisa ser analisada pelas contingências, isto é, o professor deveria ter clareza sobre como seu comportamento controla o comportamento do aluno.

Por outro lado, os comportamentos inadequados devem ser substituídos por comportamentos adequados às atividades de sala de aula. É o professor quem deve criar condições para que esses comportamentos ocorram, sejam reforçados, aumentando o repertório do aluno. Em outras palavras, promover aprendizagem.

Os relatos acima demonstram que, mesmo de forma bastante tímida, um olhar mais atencioso à criança citada pode produzir situações de superação e de equilíbrio no processo de ensino-aprendizagem.



Os quadros elaborados com a finalidade de explicitar os comportamento e as relações estabelecidas pela professora no contexto de sala de aula mostrou que as situações positivas de aprendizagem somente começaram a aparecer quando a professora mesmo sem ter conhecimento teórico do efeito que essa atitude traria passou a retirar a atenção excessiva dada ao aluno e substituir as broncas, (atenção da professora) por elogios, sempre que ele se comportava de maneira adequada, e a lhe oferecer atividades, que quando realizadas eram reforçadas pela professora em forma de elogios.

Espera-se que este trabalho desperte em outros profissionais e pesquisadores o interesse por estudar esse tema e que gere reflexões que venham a contribuir para a mudança de práticas pedagógicas responsáveis pelo fracasso escolar, em medidas criativas que tenham como resultado o sucesso escolar por meios de atividades prazerosas e relações que propiciem ao aluno o prazer de estar na escola e as condições adequadas à sua aprendizagem e desempenho escolar.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. **Ensino Médio: Múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

ARROYO, M. **Fracasso/Sucesso: Um pesadelo que perturba nossos sonhos**. Em Aberto. Brasília, v 17. n.71, p 33-40, jan 2000

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8069, de julho de 1990.

CRISTOFOLETI. R. de C. **A relação entre fracasso escolar e produção do conhecimento: Uma análise das relações de ensino produzidas na escola e na sala de aula**. Revista Conteúdo, Capivari. SP.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.